

Pefelistas mais perto de Serra

Bernardo Scartezini,
Denise Rothenburg e
Matheus Leitão

Da equipe do **Correio**

O PFL encontrou um meio de apoiar José Serra (PSDB) no segundo turno contra Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sem, no entanto, constranger seus caciques que estarão no palanque de Lula. Hoje, a Comissão Executiva Nacional aprovará apenas uma recomendação a seus diretórios estaduais para que ingressem na campanha tucana e votem no PSDB.

O fato de ser apenas uma recomendação, conforme anunciado ontem pelo presidente do PFL, Jorge Bornhausen, tem um objetivo claro: evitar que os senadores eleitos Antonio Carlos Magalhães (BA) e Roseana Sarney (PFL) esperneiem e critiquem a cúpula partidária — um grupo de políticos que retorna a Brasília com menos poder que detinha há três meses.

Bornhausen, com mais quatro anos de mandato no Senado, também verá seu poder diminuir de tamanho. Durante a Era FHC, o Partido da Frente Liberal comandou o Congresso Nacional. Reuniu a maior bancada da Câmara e a segunda maior do Senado. Mas Bornhausen não terá, a partir de 1º janeiro, pelo menos um parceiro desejado. A idéia era que o filho, Paulinho, fosse fazer companhia a ele no Senado. Faltou combinar com os eleitores de Santa Catarina. O herdeiro terminou a votação em quarto lugar.

Essa foi uma das muitas derrotas dos partidos no ano de eleição. Depois de a candidatura Roseana Sarney ser bombardeada de saída, o PFL, com Bornhausen à frente, optou por deixar o governo que sustentou por sete anos. Optou também pela primeira vez na sua história em ser oposição. Bornhausen e ACM apoiaram Ciro Gomes (PPS). Outro grupo, capitaneado

do pelo vice-presidente da República, Marco Maciel, seguiu com Serra. Roseana apoiava Lula. Para não rachar e provocar brigas internas explícitas, o partido preferiu ficar oficialmente fora da disputa presidencial, uma vez que não integrou nenhuma coligação.

EVITAR DEBANDADA

O PFL apostava que o fato de estar oficialmente fora da disputa presidencial lhe daria condições de eleger a maior bancada na Câmara e no Senado. Com força no Congresso, preparava-se para continuar no poder. Agora, como segunda bancada na Câmara, atrás do PT, e empatado com o PMDB no Senado, resta ao PFL lutar para que seus deputados não migrem para as legendas mais afinadas com o futuro presidente. E, para que isso não ocorra, calculam os pefelistas, a melhor alternativa é levar

a maioria a apostar José Serra (PSDB). “Com o Lula, o destino de muitos dos deputados será o PL”, comenta um cacique do partido, referindo-se à legenda que deu o vice da chapa de Lula, o senador José Alencar.

Por causa desse raciocínio, a turma que preferiu Ciro vai rachar. Bornhausen declara que votará em Serra. “No PT eu não voto. Não serei responsável por uma falta de reflexão”, comenta o senador. Ele comandará a reunião de hoje, quando Maciel, senador eleito por Pernambuco, vai sugerir o apoio a Serra e Bornhausen colocará a votos. ACM já anunciou que votará em Lula.

O cacique baiano detém um poder quase que absoluto na Bahia. O seu PFL tem os três senadores, o governo estadual, a prefeitura de Salvador e elegeu, na Câmara, uma bancada equivalente a 25% dos 88 deputados que o PFL terá em todo o país. Mas não pode apoiar Serra porque seus principais adversários

na Bahia, Jutahy Magalhães Júnior (PSDB) e Geddel Vieira Lima (PMDB), são coordenadores da campanha de Serra no segundo turno. “Eu não voto em Serra de jeito nenhum”, comentou Antonio Carlos com um amigo, assim que soube do resultado da eleição em primeiro turno.

O racha explícito mostra que o PFL deixou de ser o partido profissional e frio que caracterizou suas ações nos últimos oito anos. “O PFL cometeu muitos erros no ano, o que surpreendeu a todos porque tratam-se de políticos experientes”, explica o cientista político Sérgio Abranches.

Com 88 deputados, dez a menos do que elegeu em 1998, a ordem agora é tratar de salvar o que puder ser salvo. Por isso, os pefelistas vão voltar-se em peso para Serra, como terceiros na aliança e menos força do que o PMDB, que integra a aliança de Serra. “Naturalmente, depois de idas e vindas, o PFL volta mais

ACM E BORNHAUSEN: DOIS CACIQUES PEFELISTAS DIVIDIDOS

fraco”. Ainda assim, se Serra for eleito, será o porto mais seguro para o partido obter um naco expressivo de poder. “O PFL não tem tradição de oposição. É como uma costela do governo e não pode ficar muito longe, senão tem ataque de abstinência”, completa Abranches.

